

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gilmar Carvalho Neves

**A RELAÇÃO DE ABRAÃO COM DEUS NO MONTE MORIÁ EM HOLOCAUSTO
AO SEU FILHO ISAAC NA PERSPECTIVA DO PENSAMENTO DO FILÓSOFO
CONTEMPORÂNEO KIERKEGAARD**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Dr. Humberto Araújo Quaglio de Souza

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **GILMAR CARVALHO NEVES**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202172151A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A RELAÇÃO DE ABRÃO COM DEUS NO MONTE MORIÁ EM HOLOCAUSTO AO SEU FILHO ISAAC NA PERSPECTIVA DO PENSAMENTO DO FILÓSOFO CONTEMPORÂNEO KIERKEGAARD**, desenvolvido durante o período de 01/09/2024 a 20/03/2025 sob a orientação de Humberto Araújo Quaglio de Souza, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, __20__ de __MARÇO__ de __2025__.

GILMAR CARVALHO NEVES

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

**A RELAÇÃO DE
ABRÃO COM DEUS NO MONTE MORIÁ EM HOLOCAUSTO AO SEU FILHO
ISAAC NA PERSPECTIVA DO PENSAMENTO DO FILÓSOFO
CONTEMPORÂNEO KIERKEGAARD**

Gilmar Carvalho Neves¹

RESUMO

Soren Kierkegaard, um importante e conceituado filósofo e teólogo dinamarquês, que escreveu um livro de suma importância e relevante chamado “Temor e Tremor”, que aborda o episódio do sacrifício de Isaac por Abraão que era seu pai. Em sua obra, Kierkegaard analisa a ação de Abraão e explora temas como a ética, a fé e a relação do indivíduo com Deus.

Soren Kierkegaard consequentemente examina a história de Abraão e seu sacrifício de Isaac do ponto de vista da ética religiosa. Ele investiga as suas implicações tanto morais e a aparente contradição entre o mandamento divino e os princípios éticos comuns.

Kierkegaard retrata Abraão como um exemplo de fé absoluta, uma fé paradoxal que está além da compreensão humana. Para Abraão, a obediência a Deus é o mais importante do que qualquer princípio ético ou moral humano. Ele está assim disposto a fazer o sacrifício de seu filho Isaac porque acredita que Deus lhe deu o comando direto.

PALAVRAS-CHAVE: Deus. Divino. Fé. Sacrifício e Sagrado

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Humberto Araújo Quaglio de Souza.

1. INTRODUÇÃO

A RELAÇÃO DE ABRÃO COM DEUS NO MONTE MORIÁ EM HOLOCAUSTO AO SEU FILHO ISAAC NA PERSPECTIVA DO PENSAMENTO DO FILÓSOFO CONTEMPORÂNEO KIERKEGAARD

A relação de Abraão com Deus no episódio do sacrifício de Isaac no Monte Moriá é um tema riquíssimo para a reflexão filosófica, especialmente quando analisado à luz do pensamento de Søren Kierkegaard, um dos filósofos mais influentes do século XIX. Kierkegaard, em sua obra "Temor e Tremor", aborda essa narrativa bíblica para discutir questões sobre fé, ética e a natureza da relação entre o indivíduo e o divino. Tema da pesquisa que iremos abordar ao longo da presente pesquisa.

Destaca-se a relação entre Abraão e o Sacrifício de Isaac no monte Moriá: No relato bíblico, Deus ordena a Abraão que sacrifique seu filho Isaac. Embora Abraão tenha uma profunda conexão com Deus, essa ordem representa um conflito tremendo: a obediência a Deus entra em choque com o amor paterno e a ética convencional. Abraão, no entanto, decide confiar em Deus e está disposto a seguir a ordem, mesmo sem entender completamente o propósito por trás dela.

A proposta e a perspectiva de pensamento do filósofo contemporâneo Soren Kierkegaard nos remete a seguinte análise a ser destacada: Soren Kierkegaard utiliza a figura de Abraão para explorar a "fideísmo" — a ideia de que a verdadeira fé vai além da razão e da ética. Para ele, Abraão é o "cavaleiro da fé", alguém que alcança um nível de fé que transcende a compreensão humana comum. Essa fé é caracterizada por um salto, uma entrega total e incondicional a Deus, mesmo diante do que parece absurdo ou moralmente inaceitável.

Em análise a obra de Søren Kierkegaard, tema pertinente e bastante peculiar especialmente no que tange à figura de Abraão, é fundamental para a compreensão do conceito de fideísmo e da relação entre fé, razão e ética. Kierkegaard, considerado o pai do existencialismo, utiliza a narrativa bíblica de Abraão e sua disposição em sacrificar seu filho Isaac como um exemplo paradigmático da fé absoluta, que se coloca acima das considerações éticas e racionais que regem o comportamento humano.

Depreende-se através análise dentro do contexto na perspectiva de pensamento do filósofo contemporâneo Soren Kierkegaard escreve em um contexto marcado pela modernidade, onde a razão e a ética são frequentemente vistas como as principais guias do comportamento humano. O filósofo dinamarquês propõe um desafio a essa visão, sugerindo que a verdadeira fé é um ato de salto — um movimento que transcende a lógica convencional e as normas éticas. Essa perspectiva é especialmente relevante em sua obra "Temor e Tremor", onde ele examina a história de Abraão sob uma lente filosófica. Tema que iremos abordar no decorrer desta pesquisa.

2. DESENVOLVIMENTO

O que vamos apresentar nessa pesquisa é sobre o episódio em que Abraão oferece seu filho Isaac a Deus em sacrifício como relato no contexto do livro de Gênesis, na bíblia no capítulo 22. Nessa perspectiva e segundo o relato, isso aconteceu na região de Moriá, em Israel.

O mote para o desenvolvimento deste conceito é o difícil texto bíblico de Gênesis, capítulo 22, quando Abraão recebe de Deus a ordem de sacrificar o próprio filho. A interpretação de Kierkegaard para esse texto é bastante original, assim como o entendimento de fé que extrai dessa análise. (ROOS, 2022, p.71)

O Monte Moriá é associado a Jerusalém e é considerado um local de suma importância para diferentes religiões, incluindo também o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. É aqui onde o Templo de Salomão foi construído posteriormente, de acordo com as escrituras bíblicas. Hoje, existe uma estrutura conhecida como Domo da Rocha no local, que é um local sagrado para todos muçulmanos praticante de sua devoção.

Era de madrugada, Abraão levantou-se cedo, mandou aparelhar os jumentos, deixou a tenda e levou Isaac consigo; Sara, porém,

seguiu-os da janela com o olhar ao longo do vale, até que os perdeu de vista. Montaram em silêncio durante três dias, e nem na manhã do quarto dia disse Abraão palavra alguma; levantou porém os olhos e avistou ao longe o monte Moriá. Mandou regressar os servos e subiu a montanha sozinho com Isaac pela mão. Mas disse Abraão para consigo: “Não quero todavia ocultar de Isaac onde o conduz este caminho”. Parou, colocou a mão sobre a cabeça de Isaac para lhe dar a bênção e Isaac inclinou-se para a receber. O rosto de Abraão era a paternidade, o olhar era doce, as palavras exortadoras. Mas Isaac não era capaz de o entender, a sua alma não era capaz de se elevar; abraçou-se aos joelhos de Abraão, lançou-se-lhes aos pés, suplicou-lhe pela juventude, pela sua boa esperança, lembrou-lhe a alegria na casa de Abraão, lembrou-lhe os cuidados e a solidão. Em seguida, Abraão levantou o rapaz, levou-o consigo pela mão e as suas palavras estavam plenas de consolo e de exortação. Mas Isaac não era capaz de o entender. Subiu ao monte Moriá, mas Isaac não o entendeu. Afastou-se dele então por um instante, mas quando Isaac olhou de novo o rosto de Abraão, encontrou-o já alterado, o olhar estava feroz, a figura medonha. (KIERKEGAARD, 2009, p.58)

De acordo com a narrativa bíblica, Deus assim quis testar verdadeiramente a fé de Abraão pedindo-lhe para sacrificar seu filho Isaac como um verdadeiro holocausto. No versículo 2 do capítulo 22 de Gênesis, Deus diz a Abraão: “Toma teu filho, o teu único filho, Isaac, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto sobre um dos montes que te hei de mostrar”.

Abraão obediente ao comando de Deus viaja para a terra de Moriá com seu filho Isaac. Eles sobem ao monte e Abraão prepara tudo para realização do sacrifício. No entanto, antes de levantar a faca para matar seu filho, um anjo de Deus o detém e diz-lhe para não ferir a criança. Nesse momento, é fornecido a Abraão um cordeiro para ser sacrificado em vez de seu filho Isaac.

A grande prova: Sacrifício de Isaac – Após estas ocorrências, Deus pôs Abraão à prova, e chamou-o: “Abraão!” Ele respondeu: “Aqui estou”. Deus disse: “Pega no teu filho, no teu único filho, a quem tanto amas, Isaac, e vai à terra de Moriah, onde oferecerás em holocausto, num dos montes que Eu te indicar.” No dia seguinte da manhã, Abraão aparelhou o seu jumento, tomou consigo dois servos e o seu filho Isaac, partiu lenha para o holocausto, e pôs-se a caminho no lugar que Deus lhe tinha indicado. Ao terceiro dia, erguendo os olhos, viu à distância, o lugar. Disse aos servos: “Ficai aqui com o jumento; eu e o menino iremos até além, para adorarmos; depois, voltaremos para junto de vós”. Abraão apanhou a lenha destinada ao holocausto, entregou-a ao seu filho Isaac, e, levando na mão o fogo e o cutelo, seguiram juntos. Isaac disse ao pai: “Meu pai!” E ele respondeu: “Que queres, meu filho?” Isaac prosseguiu: “Levamos fogo e lenha, mas onde está a rês para o holocausto? Abraão respondeu: “Deus providenciará quanto à rês para o holocausto, meu filho”. E os dois prosseguiram juntos. Chegados ao sítio que Deus indicara, Abraão levantou um altar, dispôs a lenha, atou Isaac, seu filho, e colocou-o sobre o altar, por cima da lenha. Depois, estendendo a mão, agarrou no cutelo para degolar o filho. Mas o Anjo do Senhor gritou-lhe do céu: “Abraão”. Ele respondeu: “Aqui estou”. O Anjo disse: “Não levantes a tua mão sobre o menino e não lhe faças mal algum, porque sei agora que, na verdade, temes a Deus, visto não me teres recusado o teu único filho”. Erguendo Abraão os olhos, viu, então dele, um

carneiro preso pelos chifres a um silvado. Foi busca-lo e oferecendo-o em holocausto, em substituição do filho. Abraão chamou a este lugar “o Senhor providenciará”, do qual ainda hoje se diz: “Sobre a colina o Senhor providenciará”. O anjo do Senhor chamou Abraão do céu, pela segunda vez e disse-lhe: “Juro por Mim mesmo, declara o Senhor, que, por teres procedido dessa forma e por não Me teres recusado o teu filho, o teu único filho, abençoar-te-ei e multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu e como a areia das praias do mar. Ela apoderar-se-à das portas dos seus inimigos e todas as nações da terra serão abençoadas na tua descendência, porque obedeceste à Minha voz”. Abraão voltou para junto dos servos, e regressaram juntos a Bersabé, onde Abraão fixou residência. (Gênesis 22, 1:19)

Esse episódio é visto como um teste de fé para Abraão, que confiou plenamente em Deus e estava disposto a obedecer a qualquer promessa, ordem, mandamento, mesmo que parecesse imoral ou irracional. É considerado assim o ápice do relacionamento de Abraão com Deus e de sua devoção.

Em sua magnífica obra “Temor e Tremor” escrita pelo filósofo contemporâneo dinamarquês Soren Kierkegaard que foi publicada em 1843. Em sua obra explora todo episódio bíblico em que Abraão leva seu filho Isaac até ao monte Moriá para sacrificá-lo como um verdadeiro teste de fidelidade em relação a sua fé.

A obra analisa profundamente a relação entre a religião e ética, enfocando a ideia de que a fé religiosa e os princípios éticos podem entrar constantemente em conflito. Soren Kierkegaard examina assim a figura de Abraão como um exemplo a ser seguido e de como a obediência à vontade divina pode parecer absurda e imoral aos olhos da nossa sociedade contemporânea.

Entende-se sobre o pensamento onde Soren Kierkegaard debruça sobre o Fideísmo, assim ele apresenta através pesquisa e análise cujo fato relevante, é a ideia de que a fé não pode ser totalmente compreendida ou justificada pela razão. Para ele, a fé é uma relação íntima e pessoal entre o indivíduo e o divino, que pode exigir sacrifícios que desafiam tanto a lógica quanto a moralidade. A figura de Abraão torna-se um símbolo dessa fé radical, pois ele é chamado a obedecer a um comando divino que entra em conflito direto com as normas éticas que estabelecem o valor da vida humana.

Travamos conhecimento, somos apresentados. Mal lhe ponho os olhos em cima, afasto-o de mim nesse instante, dou um salto para trás e junto as mãos, exclamando a meia-voz: “Meu Deus! Este homem que aqui está, é mesmo ele? Mas até que ar de cobrador de impostos! Não obstante, é mesmo ele. Acerco-me um pouco mais, fico atento aos seus menores movimentos, não fosse surgir algum minúsculo sinal telegráfico divergente vindo do infinito, um olhar, uma expressão, um gesto, uma melancolia, um sorriso que traísse o infinito na sua divergência com o finito. Não. Examinei-lhe a figura da cabeça aos pés, não fosse existir, uma fissura através da qual o infinito espreitasse. Não! É solidamente maçico. O seu andar? É enérgico, pertence por inteiro à infinitude; não é o andar de um burguês aperaltado que se passeia ao domingo à tarde em Fresberg, pisa a terra com a maior segurança – pertence em tudo ao mundo, nenhum filisteu pequeno-burguês poderia pertencer-lhe mais. Nada há que me permita descobrir essa natureza peculiar e distinta pela qual reconhecemos o cavaleiro da infinitude. (KIERKEGAARD, 2009, p.94)

Insta salientarmos a ideia de Abraão como o Cavaleiro da Fé: Soren Kierkegaard descreve Abraão como o “Cavaleiro da Fé”, um indivíduo que, em sua singularidade, se coloca em um estado de angústia e desespero ao confrontar a exigência divina. Essa angústia não é vista como um obstáculo, mas como uma parte essencial da experiência da fé. A disposição de Abraão para sacrificar Isaac é, portanto, vista como um exemplo supremo de fé autêntica — uma crença que desafia as normas éticas e a razão.

Nesse sentido podemos trazer a tona as críticas e análises sobre a questão à luz da Ética Racional tema bastante peculiar ressaltamos que esse tópico que é uma das principais críticas que Kierkegaard faz à ética racional é que ela não pode fornecer respostas adequadas para as questões mais profundas da existência humana. A razão, embora valiosa, é limitada em sua capacidade de lidar com o paradoxo da fé. Isso levanta questões importantes sobre a natureza da moralidade e a possibilidade de uma ética que não esteja fundamentada apenas na razão em si.

Reflexões sobre a Modernidade através de nossa sociedade contemporânea em análise de Soren Kierkegaard também é uma reflexão sobre a modernidade e a condição humana. Em uma sociedade que valoriza a racionalidade e a objetividade, sua obra desafia as premissas de que a verdade deve ser sempre acessível e compreensível. Ele sugere que a experiência da fé é, muitas vezes, paradoxal e ilógica, o que pode ser desconcertante para os que buscam certezas.

Compreende-se a importância e a relevância da obra de Kierkegaard que permanece relevante em nossa sociedade contemporânea, especialmente em um mundo onde as questões de fé, identidade e ética são cada vez mais complexas. O dilema de Abraão ressoa com as lutas modernas em torno da crença e da moralidade, e a ideia de que a fé pode exigir um compromisso que vai além da razão continua a ser uma provocação poderosa.

A relação entre fé, razão e ética é um tema central na filosofia de Søren Kierkegaard, considerado um dos pais do existencialismo. Sua obra aborda questões profundas sobre a condição humana, a subjetividade e a experiência individual, desafiando as concepções tradicionais da filosofia e da teologia de sua época.

Destaca-se a Fé e a Razão onde Soren Kierkegaard argumenta que a fé e a razão não são opostos, mas que ocupam esferas diferentes da experiência humana. Para ele, a razão é limitada e não pode abarcar a totalidade da experiência existencial. A fé, por outro lado, é uma relação pessoal e subjetiva com o divino que transcende a lógica e a racionalidade.

Observa-se em relação ao Paradoxo da Fé que é um dos conceitos mais notáveis de Kierkegaard é o "salto da fé". Ele propõe que, para alcançar uma verdadeira relação com Deus, o indivíduo deve fazer um salto que vai além da razão. Esse salto não é irracional, mas é uma escolha que a pessoa faz em sua liberdade. A fé é vista como um compromisso pessoal que não pode ser completamente justificado ou compreendido racionalmente. Um exemplo claro disso é a história de Abraão, que é chamado a sacrificar seu filho Isaac. A obediência de Abraão à ordem divina é um ato de fé que desafia a razão.

Observa-se aqui a ética onde Kierkegaard também discute a ética em relação à fé. Ele critica a ética hegeliana, que tende a universalizar a moralidade e a aplicar normas éticas de forma impessoal. Para Kierkegaard, a ética é profundamente individual e subjetiva. O que é ético para uma pessoa pode não ser para outra, e a verdade ética é encontrada na relação pessoal do indivíduo com Deus.

A relação entre fé, razão e ética é um tema central na filosofia de Søren Kierkegaard, considerado um dos pais do existencialismo. Sua obra aborda questões profundas sobre a condição humana, a subjetividade e a experiência individual, desafiando as concepções tradicionais da filosofia e da teologia de sua época.

Observa-se a fé e a razão Soren Kierkegaard argumenta que a fé e a razão não são opostas, mas que ocupam esferas diferentes da experiência humana. Para ele, a razão é limitada e não pode abarcar a totalidade da experiência existencial. A fé, por outro lado, é uma relação pessoal e subjetiva com o divino que transcende a lógica e a racionalidade.

Destaca-se dentro dessa perspectiva de análise em relação ao paradoxo da fé cujo é um dos conceitos mais notáveis de Kierkegaard é o "salto da fé". Ele propõe que, para alcançar uma verdadeira relação com Deus, o indivíduo deve fazer um salto que vai além da razão. Esse salto não é irracional, mas é uma escolha que a pessoa faz em sua liberdade. A fé é vista como um compromisso pessoal que não pode ser completamente justificado ou compreendido racionalmente. Um exemplo claro disso é a história de Abraão, que é chamado a sacrificar seu filho Isaac. A obediência de Abraão à ordem divina é um ato de fé que desafia a razão.

Compreende-se a Ética onde Kierkegaard também discute a ética em relação à fé. Ele critica a ética hegeliana, que tende a universalizar a moralidade e a aplicar normas éticas de forma impessoal. Para Kierkegaard, a ética é profundamente individual e subjetiva. O que é ético para uma pessoa pode não ser para outra, e a verdade ética é encontrada na relação pessoal do indivíduo com Deus.

Ressalta-se estágios da vida em seu trabalho "Ou-ou", Kierkegaard assim descreve três estágios da vida: o estético, o ético e o religioso. No estágio estético, o indivíduo busca prazer e satisfação imediata. No estágio ético, a pessoa se compromete com normas e responsabilidades, mas ainda pode ser incapaz de alcançar a verdadeira liberdade. O estágio religioso é onde a fé se torna central, permitindo que o indivíduo experimente uma relação direta com o divino, que transcende as normas éticas.

Observa-se a questão da subjetividade que é um conceito crucial na filosofia de Kierkegaard. Ele enfatiza que a verdade é subjetiva e que cada pessoa deve encontrar sua própria verdade. A experiência individual é fundamental, e a relação pessoal com Deus é o que dá sentido à vida. Esta ênfase na subjetividade também se reflete na sua crítica ao sistema filosófico que tenta universalizar a experiência humana.

Apona-se como referência o livro "10 Lições sobre Kierkegaard" de Jonas Roos que é uma obra que busca explorar as ideias centrais do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, um dos precursores do existencialismo e da filosofia moderna. O capítulo "Fé e Subjetividade" do livro de Jonas Roos, que aborda as lições de Søren Kierkegaard sobre esse tema com uma abordagem acadêmica, enfatiza a importância de uma análise profunda e multifacetada da obra.

Destaca-se a subjetividade da verdade onde Kierkegaard enfatiza que a verdade é subjetiva e que cada indivíduo deve encontrar seu próprio caminho para a compreensão e a fé. A verdade não é uma entidade objetiva, mas uma experiência pessoal.

Compreende-se o salto da fé. Um dos conceitos mais famosos de Kierkegaard é o "salto da fé", que se refere à necessidade de um ato de fé que vai além da razão. A fé, para Kierkegaard, é uma escolha pessoal que não pode ser provada ou justificada racionalmente. Ressalta-se que angústia existencial essa questão da angústia é um tema central na obra de Kierkegaard. Ele argumenta que a consciência da liberdade e da responsabilidade pode levar a um estado de angústia, mas também é uma oportunidade para o crescimento pessoal.

Percebe-se também a importância da escolha Kierkegaard onde acredita que a vida é feita de escolhas e que cada escolha molda a identidade do indivíduo. A liberdade de escolher é fundamental, mas também traz consequentemente a carga da responsabilidade.

Entende-se em seu posicionamento a crítica ao Hegelianismo onde Kierkegaard critica a filosofia hegeliana por sua ênfase na razão e na totalidade. Ele assim argumenta que a experiência individual e a subjetividade são mais importantes do que as abstrações filosóficas.

Sabe-se que o desespero aqui é visto como uma condição humana comum, resultante da desconexão entre o si-mesmo e o si-mesmo ideal. Kierkegaard explora também diferentes formas de desespero e como superá-las.

Constata-se a relação pessoal com Deus tema que é central em sua abordagem na filosofia de Kierkegaard. Ele enfatiza assim a importância da fé individual e da experiência religiosa como caminhos para a verdade. Destaca-se a ironia de Kierkegaard exposta na produção intelectual de Jonas Roos em 10 lições sobre Kierkegaard:

Corrobora-se nessa presente obra de Jonas Roos que é fundamentalmente importante para a filosofia existencialista e para a compreensão da subjetividade na experiência humana. A análise de Roos busca enfatizar e também ao mesmo tempo explorar como a fé e a subjetividade se entrelaçam na obra de Kierkegaard, oferecendo uma nova perspectiva sobre a relação entre o indivíduo e a verdade.

Corrobora-se através dessa descrição e classificação onde Roos assim classifica as ideias de Kierkegaard em várias categorias, como a angústia existencial, a escolha e a fé. Cada uma dessas categorias é analisada em profundidade, revelando a complexidade do pensamento kierkegaardiano.

Depreende-se através deste contexto onde Roos não se limita a descrever as ideias de Kierkegaard; ele também critica e avalia suas implicações para nossa sociedade contemporânea. A obra é vista como um convite à reflexão sobre a condição humana, a liberdade e a responsabilidade individual.

Destaca-se através de reflexões e ponderações onde Roos faz análise sobre pensamento de Kierkegaard que têm repercussões significativas, especialmente no contexto de nossa sociedade contemporânea, onde as questões de fé e subjetividade são cada vez mais relevantes. A análise destaca também a importância de Kierkegaard para o entendimento da crise de valores e da busca por sentido na vida moderna.

Corroborar-se com a defesa da obra de Roos que se baseia na sua capacidade de conectar as ideias de Kierkegaard com os desafios contemporâneos. Assim Roos argumenta que a subjetividade e a fé são essenciais para a formação da identidade e para a construção de um sentido de comunidade.

Observa-se a importância e a relevância de seus conceitos e pensamentos que são apresentados por Kierkegaard, como a "salto da fé" e a "angústia", que são discutidos em detalhes, permitindo uma compreensão mais profunda de como esses pensamentos se aplica à vida em nossa sociedade contemporânea.

Kierkegaard parte do pressuposto de que Deus é a base da síntese de finitude e infinitude. Nessa lógica a fé é entendida como aquele elemento que recoloca a finitude e a infinitude na sua correta relação, e, portanto, o que dá unidade à pessoa. Isso acontece em um processo, na tarefa de tornar-se si mesmo. (ROOS, 2022, p.69)

Ressalta-se que o capítulo "Fé e Subjetividade" também são respaldados por uma série de dissertações e artigos que exploram a temática da fé e da subjetividade, reforçando a relevância do trabalho de Ross e a importância de Kierkegaard na filosofia contemporânea.

Percebe-se através de análise de "Fé e Subjetividade" de Roos que não apenas ilumina as ideias de Kierkegaard, mas também provoca uma reflexão crítica sobre a condição humana na sociedade atual. O capítulo é um convite à introspecção e à busca de um entendimento mais profundo da fé e da subjetividade, temas que continuam a ressoar na experiência humana em nossa sociedade contemporânea.

Observa-se em análise que da citação sobre Kierkegaard e sua relação com a "subjetividade e a fé" que assim revela aspectos fundamentais do pensamento do filósofo dinamarquês. Kierkegaard que é frequentemente considerado o pai do existencialismo, e sua presente obra abordam questões tão profundas sobre a condição humana, a angústia, o desespero e a busca por significado.

Ressalta-se a questão desespero e subjetividade onde Kierkegaard argumenta que o desespero é uma condição inerente à existência humana. Para ele, o desespero surge da alienação do eu, da falta de autenticidade e da incapacidade de se relacionar de maneira verdadeira consigo mesmo e com os outros. A superação do desespero, portanto, requer um retorno à subjetividade, ou seja, uma reconexão com o si-mesmo interior. Essa subjetividade não é meramente uma introspecção, mas uma atitude ativa e consciente de buscar pela verdade pessoal.

Destaca-se a atitude subjetiva específica em relação essa questão de "atitude subjetiva específica" mencionada na citação refere-se à necessidade de uma postura que vá além da mera reflexão ou análise. Para Kierkegaard, essa atitude é caracterizada pela fé. A fé, em sua concepção, não é apenas uma crença passiva, mas uma escolha ativa de se comprometer com algo que transcende a razão e a evidência empírica. É um movimento de entrega e confiança, que permite ao indivíduo encontrar sentido e propósito, mesmo em meio ao desespero extremo.

Corroborar-se em relação com o Cristianismo onde Kierkegaard fundamenta sua análise na tradição cristã, mas sua abordagem é complexa. Ele não vê a fé como uma simples adesão a dogmas religiosos, mas como uma experiência profundamente pessoal e subjetiva. A fé, para Kierkegaard, é uma relação direta com o divino, que exige um salto existencial. Esse salto é uma escolha que envolve risco e incerteza, refletindo assim a natureza paradoxal da existência humana.

Salienta-se em relação à Fé como superação do desespero a fé, então, é vista como a chave para a superação do desespero. Ao se voltar para a subjetividade e adotar uma atitude de fé, o indivíduo pode encontrar um sentido que transcende suas angústias e incertezas. Essa fé não elimina o desespero, mas oferece uma nova perspectiva que permite ao indivíduo lidar com ele de maneira mais autêntica e significativa.

Compreende-se através da análise da citação sobre Kierkegaard que assim revela também a profundidade de seu pensamento sobre a subjetividade e a fé. Aponta-se em análise que um dos conceitos centrais na obra de Søren Kierkegaard, especialmente em "A Doença para a Morte", onde Kierkegaard, sob o pseudônimo de Anti-Climacus, explora a natureza do desespero e sua relação com a fé.

Observa-se que Kierkegaard argumenta que o desespero é uma condição existencial que surge da desconexão entre o indivíduo e seu verdadeiro eu, ou seja, a falta de uma relação autêntica consigo mesmo

e com o divino. O desespero pode se manifestar de várias formas, como a desesperança, a autorejeição ou a busca por um sentido que não se encontra. Para Kierkegaard, essa desarticulação do "si mesmo" é uma condição que todos enfrentam em algum momento, mas que pode ser superada.

Destaca-se que a fé, então, é apresentada aqui como a solução para essa condição desesperadora. Através da fé, o indivíduo pode rearticular seu sentido de si mesmo, encontrando um propósito e uma conexão com algo maior. A fé não é apenas uma crença em algo transcendente, mas também um processo de autoaceitação e de reconhecimento da própria finitude e fragilidade. Ao abraçar a fé, o indivíduo pode superar assim o desespero e encontrar um sentido mais profundo para sua existência.

Destaca-se que essa perspectiva de Kierkegaard é fundamentalmente importante para entender sua visão sobre a condição humana, a liberdade e a responsabilidade individual. A fé, nesse contexto, não é uma fuga da realidade, mas uma forma de enfrentar a existência com autenticidade e coragem. A rearticulação do "si mesmo" através da fé permite que o indivíduo vivesse de maneira mais plena, em harmonia consigo mesmo e com o mundo ao seu redor.

Sabe-se que a afirmação de que "Kierkegaard parte do pressuposto de que Deus é à base da síntese de finitude e infinitude" assim também reflete uma das ideias centrais do pensamento do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard. Ele é frequentemente considerado o pai do existencialismo e suas obras exploram a relação entre o indivíduo, à fé e a existência.

Entende-se que para Kierkegaard, a finitude refere-se à condição humana, com suas limitações, incertezas e a inevitabilidade da morte. Por outro lado, a infinitude representa a dimensão do divino, do eterno e do absoluto. A síntese entre esses dois aspectos é fundamentalmente importante para a compreensão da experiência humana e da relação do indivíduo com Deus.

Percebe-se também onde Kierkegaard argumenta que a verdadeira realização do ser humano só pode ser alcançada através da fé, que permite ao indivíduo transcender sua finitude e se conectar com o infinito. Essa conexão é mediada pela figura de Cristo, que representa a união do finito e do infinito. Assim, a fé se torna o meio pelo qual o ser humano pode encontrar sentido e propósito de vida, mesmo diante das limitações da sua existência.

Enfatiza-se que a ideia de que Deus é à base da síntese de finitude e infinitude em Kierkegaard onde destaca a importância da fé e da relação pessoal com o divino na busca por significado na vida humana.

Ressalta-se a ideia de duplo movimento onde Kierkegaard, especialmente em "Temor e Tremor", é uma reflexão profunda sobre a fé e a experiência religiosa. Através do pseudônimo Johannes de Silentio, Kierkegaard explora a figura de Abraão, que se torna um símbolo da fé absoluta e do paradoxo que ela representa.

Depreende-se a questão do duplo movimento que refere-se à tensão entre a ética e a fé. No primeiro movimento, Abraão é um homem ético que, ao ser chamado por Deus para sacrificar seu filho Isaac, enfrenta um dilema moral profundo. Ele deve escolher entre a obediência a Deus e a sua responsabilidade ética como pai. Esse primeiro movimento é caracterizado pela angústia e pela luta interna que surge ao confrontar a exigência divina que desafia as normas éticas.

Corroborar-se que o segundo movimento é a resposta de Abraão à chamada divina, que transcende a ética. Aqui, ele age com fé, acreditando que Deus tem um propósito maior, mesmo que isso signifique sacrificar seu filho. Esse movimento é um salto qualitativo, onde a fé se torna uma relação pessoal e direta com o divino, que não pode ser compreendida ou justificada pela razão ou pela ética convencional.

Salienta-se assim, que o duplo movimento em Kierkegaard ilustra a complexidade da fé, que envolve tanto a luta interna quanto a entrega total a Deus, desafiando as normas éticas e racionais. Essa análise não apenas aprofunda a compreensão da fé, mas também destaca a singularidade da experiência religiosa, que muitas vezes se encontra em conflito com as expectativas sociais e morais.

Destaca-se em análise de Kierkegaard que assim faz referência a uma interpretação filosófica e teológica da história de Abraão, especialmente no contexto da obra de Søren Kierkegaard, um filósofo dinamarquês do século XIX. Kierkegaard, em sua obra "Temor e Tremor", analisa a narrativa bíblica do sacrifício de Isaac, onde Deus pede a Abraão que sacrifique seu filho. Essa história é vista como uma prova da fé de Abraão, mas também levanta questões sobre a natureza da fé, da ética e da obediência a Deus.

Observa-se também em sua obra a ideia de que uma tentação pode desviar a pessoa de cumprir a vontade de Deus que é central na reflexão de Kierkegaard. Ele assim argumenta que a verdadeira fé muitas vezes exige um salto que desafia a lógica e a moralidade convencional. Para Abraão, a obediência a Deus

em face de uma ordem tão angustiante é um exemplo de fé absoluta, que transcende a compreensão humana.

Corroborar-se com Johannes de Silentio, um dos pseudônimos de Kierkegaard, que assim representa essa luta interna entre a ética e a fé. A provação de Abraão é vista como um momento em que a fé se coloca acima das normas éticas comuns, desafiando a ideia de que a moralidade humana deve sempre guiar as ações.

Compreende-se essa análise que assim nos provoca com intensas reflexões profundas sobre a natureza da fé, a relação entre o indivíduo e o divino, e as tensões entre a ética e a obediência. A história de Abraão, portanto, não é apenas uma narrativa religiosa, mas também um convite à reflexão filosófica sobre o que significa ter fé em situações extremas. A resignificação infinita, conforme pensamento de Kierkegaard é um conceito que toca profundamente nas ideias de Søren Kierkegaard sobre a existência, a fé e a relação do indivíduo com a finitude. Para Kierkegaard, a vida humana é marcada por uma tensão entre a finitude e a busca por algo que transcenda essa limitação. A resignação, nesse contexto, pode ser vista como um reconhecimento da finitude e uma aceitação das limitações da existência concreta.

Depreende-se, no entanto, no pensamento de Kierkegaard onde argumenta que a resignação, embora importante, não é o fim do processo. Ela é um momento necessário, mas não suficiente para a verdadeira fé. A fé, para Kierkegaard, envolve um movimento mais profundo que vai além da resignação. É um ato de confiança e entrega a algo que transcende a própria existência, um salto que permite ao indivíduo se conectar com o divino e com a eternidade. Percebe-se que a resignação pode ser entendida como um estado de aceitação passiva, onde o indivíduo se conforma com a realidade de suas limitações. Por outro lado, a fé é um ato ativo que envolve a superação dessa resignação. É um movimento em direção ao infinito, onde o indivíduo não apenas aceita sua finitude, mas também busca uma relação mais profunda com o que está além dela.

Sabe-se que Kierkegaard enfatiza que a fé não é uma crença cega, mas uma relação pessoal e existencial com Deus. Essa relação é marcada pela incerteza e pela angústia, mas também pela esperança e pela possibilidade de transformação. A verdadeira fé, portanto, é um compromisso que vai além da resignação, permitindo ao indivíduo encontrar significado e propósito em sua existência, mesmo diante da finitude.

Finalmente, mas não menos importante, vale ressaltar que a resignificação infinita é um processo dialético que envolve a aceitação da finitude, mas que deve ser superado pela fé, que é um movimento de entrega e confiança no divino. Essa dinâmica é central para a compreensão da filosofia existencial de Kierkegaard e sua visão sobre a condição humana.

Destaca-se que a reflexão sobre a relação entre fé e existência em Kierkegaard é profunda e multifacetada. Para ele, a fé não é apenas um assentimento intelectual a certas verdades, mas um movimento existencial que envolve um compromisso pessoal e uma relação direta com o divino. Esse movimento de fé é intrinsecamente ligado ao processo de se tornar si mesmo, que exige uma série de decisões que não são apenas racionais, mas também emocionais e existenciais.

Ressalta-se que Soren Kierkegaard enfatiza que a jornada de se tornar si mesmo é repleta de desafios. Envolve também a coragem de enfrentar a incerteza e a solidão, pois cada indivíduo deve fazer suas próprias escolhas e assumir a responsabilidade por elas. Esse processo é tenso e exige um esforço contínuo, pois a existência é marcada por um "movimento duplo", onde o indivíduo deve constantemente equilibrar a relação com o absoluto (ou Deus) e a realidade de sua própria vida.

Percebe-se que no "Pós-escrito", Climacus discute assim os limites da mediação, sugerindo que a relação com o absoluto não pode ser completamente mediada por conceitos ou instituições. A fé, portanto, é uma relação direta e pessoal que não pode ser totalmente capturada por intermediários. Isso implica que a verdadeira fé requer um envolvimento ativo e uma entrega que vão além da mera conformidade com doutrinas ou práticas religiosas.

Enfatiza-se assim, a tensão da existência que se manifesta na luta entre a busca por um sentido absoluto e a realidade da vida cotidiana, onde as escolhas são frequentemente ambíguas e carregadas de incerteza. Essa tensão é o que torna a vida autêntica e significativa, pois é nesse espaço de luta e decisão que o indivíduo realmente se encontra e se define.

Compreende-se que para Kierkegaard, a fé e a existência estão interligadas em um movimento contínuo constante de busca e descoberta, onde a autenticidade e a verdade são alcançadas através da coragem de enfrentar a incerteza e a solidão da condição humana.

Observa-se que a análise da relação entre fé, angústia e a formação do indivíduo em Søren Kierkegaard, especialmente em seu trabalho "O Conceito de Angústia", é uma das contribuições mais significativas da filosofia existencialista. Kierkegaard, considerado o pai do existencialismo, explora a angústia como uma condição humana fundamental que está intimamente ligada à liberdade e à possibilidade.

Ressalta-se que angústia e liberdade para Kierkegaard em sua análise estabelecem através de sua perspectiva de pensamento onde angústia surge da consciência da liberdade e das possibilidades que a vida oferece. Ao nos depararmos com a infinidade de escolhas e a responsabilidade que vem com elas, experimentamos uma sensação de angústia. Essa angústia não é meramente negativa; ela é, na verdade, um sinal de que estamos cientes de nossa condição humana e de nossa capacidade de escolher. A angústia, portanto, é uma parte essencial da experiência humana, pois nos confronta com a realidade de que somos seres livres, mas também limitados.

Corroborar-se a fé como resposta à angústia onde Kierkegaard estabelece em seu pensamento e argumenta que a fé é uma resposta à angústia. A fé permite que o indivíduo transcenda a finitude e se conecte com o infinito. Em vez de ser paralisado pela angústia, o indivíduo que abraça a fé encontra um sentido e um propósito que vão além das limitações da existência terrena. A fé, portanto, nesse contexto, não é uma crença cega, mas um compromisso profundo que envolve a aceitação da incerteza e da ambiguidade da vida.

Destaca-se que a angústia como formadora do indivíduo onde temos a união entre angústia e a fé que é fundamentalmente importante para a formação do indivíduo. A angústia, quando bem compreendida e integrada, pode levar a um crescimento pessoal e espiritual. Em vez de ser um obstáculo, a angústia se torna um catalisador para a busca de significado e autenticidade. Através da angústia, o indivíduo é levado a confrontar constantemente suas próprias limitações e a buscar uma relação mais profunda com o divino.

Compreende-se assim, na visão de Søren Kierkegaard, que a angústia e a fé estão interligadas em um processo dinâmico.

Destaca-se assim na filosofia de Søren Kierkegaard, a angústia e a fé que estão profundamente interligadas. Kierkegaard vê a angústia como uma condição existencial que surge da liberdade e da responsabilidade que o ser humano enfrenta ao tomar decisões. Essa angústia é uma resposta à consciência da possibilidade de escolha e das incertezas da vida.

Depreende-se a fé, por outro lado, como é vista uma resposta a essa angústia. Para Kierkegaard, a fé não é uma crença cega, mas um ato de confiança em Deus, que se torna especialmente relevante em momentos de crise e incerteza. A fé permite também que o indivíduo encontre significado e propósito de vida, mesmo diante da angústia existencial.

Ressalta-se que o processo dinâmico entre angústia e fé é central na obra de Kierkegaard. A angústia pode levar à reflexão profunda e à busca por respostas, enquanto a fé oferece um caminho para transcender essa angústia, permitindo ao indivíduo viver de maneira autêntica e significativa. Essa interconexão é fundamentalmente importante para entender a experiência humana e a busca por sentido na vida.

Destaca-se que o pensamento de Søren Kierkegaard sobre a fé é complexo e multifacetado, refletindo conseqüentemente sua profunda preocupação com a subjetividade, a individualidade e a relação do ser humano com a realidade e o divino.

Destacam-se conseqüentemente alguns pontos centrais da sua filosofia de fé em Søren Kierkegaard:

Ressalta-se que o movimento da Fé onde Kierkegaard argumenta que a fé envolve um movimento paradoxal. A ideia de que a fé é realizada "pela força do absurdo" sugere que a fé não se baseia em evidências racionais ou na lógica convencional. Em vez disso, a fé é um compromisso existencial constante que transcende a razão, permitindo ao indivíduo abraçar o que parece absurdo ou irracional. Esse movimento não implica um abandono da realidade, mas uma transformação da maneira como a realidade é percebida e vivida.

Compreende-se a resignificação da realidade onde a afirmação de que a fé não é um abandono da realidade, mas uma resignificação dela, e é fundamentalmente importante. Kierkegaard assim sugere que a verdadeira fé permite ao indivíduo experimentar a realidade de uma maneira mais rica e profunda. Aqueles que conseguem abrir mão de uma visão possessiva e utilitária do mundo, retornando a ele com uma nova perspectiva, são assim capazes de vivenciar a realidade de forma mais plena. Isso se relaciona com a ideia

de que a verdadeira liberdade e alegria vêm de não ser dominado pelas posses ou pela busca incessante por segurança material.

Enfatiza-se em seu pensamento a ideia de possuir o mundo onde temos presente a citação sobre "possuir o mundo inteiro como se não o possuísse" reflete a ideia de desapego. Para Kierkegaard, a verdadeira posse não é sobre acumular bens ou status, mas sobre uma relação saudável com o mundo e consigo mesmo. A fé permite assim que o indivíduo se coloque em uma posição onde ele não é escravizado por suas posses, mas sim vive em liberdade, reconhecendo a transitoriedade e a finitude da existência.

Corroborar-se através da subjetividade e individualidade onde através da metodologia de Kierkegaard que é profundamente subjetiva. Ele enfatiza assim a importância da experiência individual e da escolha pessoal na formação da fé. A fé é uma questão de compromisso pessoal e não pode ser reduzida a dogmas ou sistemas filosóficos. Cada indivíduo deve passar por seu próprio processo de reflexão e decisão para chegar a uma compreensão autêntica da fé.

Depreende-se do pensamento de Søren Kierkegaard sobre a fé que é bastante complexo e multifacetado, refletindo sua preocupação com a subjetividade, a individualidade e a relação do ser humano com o divino. Essas temáticas são pontos centrais e cruciais da sua filosofia, especialmente a ideia de que a fé não é um mero abandono da realidade, mas uma transformação e resignificação dela.

Ressalta-se em análise o movimento da Fé e o Absurdo onde Kierkegaard aqui argumenta que a fé envolve um movimento paradoxal. A fé é, em muitos aspectos, uma adesão ao absurdo — uma crença em algo que transcende a razão e a lógica. No entanto, esse movimento não implica em uma negação da realidade. Ao contrário, a fé permite assim consequentemente que o indivíduo experimente a realidade de uma maneira mais profunda e significativa. A ideia de que "a finitude não se perca, antes seja ganha por inteiro" sugere que a fé não é uma fuga do mundo, mas uma maneira de se relacionar com ele de forma mais autêntica.

Observa-se a questão da resignificação da realidade onde Kierkegaard enfatiza que a fé transforma a maneira como percebemos e interagimos com a realidade. Aquele que é capaz de abrir mão da realidade, mesmo que temporariamente, e depois retornar a ela, é capaz de vê-la sob uma nova luz. Essa resignificação é crucial para a experiência da fé, pois permite assim que o indivíduo encontre significado e valor nas coisas do mundo, sem ser dominado por elas. A frase "aquele que possui o mundo inteiro como se não o possuísse tem o mundo todo" ilustra essa ideia: a verdadeira posse do mundo vem de uma atitude de desapego, onde o indivíduo não é escravizado por suas posses ou pela realidade material.

Observa-se, no entanto, que em relação à subjetividade e individualidade onde a metodologia de Kierkegaard é profundamente subjetiva. Ele assim acredita que a verdade é algo que deve ser vivido e experimentado individualmente. A fé, portanto, é uma experiência pessoal que não pode ser reduzida a doutrinas ou sistemas de crença. Cada indivíduo deve passar por seu próprio processo de luta e descoberta para chegar a uma fé autêntica. Essa ênfase na subjetividade é uma das características que distingue Kierkegaard de muitos filósofos e teólogos de sua época.

Percebe-se que em relação ao desespero e a esperança onde Kierkegaard também fala sobre o desespero como uma condição humana comum, que pode ser superada através da fé. O desespero surge da alienação e da falta de significado, mas a fé oferece uma esperança que transcende essa condição. A fé é vista como um caminho para a realização do eu, onde o indivíduo pode encontrar um propósito e um sentido que vão além das limitações da existência finita.

Relata-se que Kierkegaard é frequentemente reconhecido como um dos primeiros filósofos existencialistas e sua obra está repleto de paradoxos e contradições, que ele utiliza como ferramentas para explorar a condição humana, a fé e a subjetividade. O pensamento de Kierkegaard sobre paradoxo e contradição pode ser analisado sobre várias perspectivas onde temos:

Entende-se a questão do paradoxo da fé onde Kierkegaard argumenta que a fé é, em essência, um paradoxo. A fé verdadeira exige um salto, um movimento em direção ao absurdo, onde a razão e a lógica falham. O exemplo mais famoso é a história de Abraão, que, ao ser chamado por Deus para sacrificar seu filho Isaac, enfrenta assim um verdadeiro dilema que desafia a lógica e a moralidade. A fé, nesse contexto e sentido, não é uma crença cega, mas um compromisso profundo que transcende a razão.

Defende-se a contradição da existência a vida humana que é assim marcada por contradições. Kierkegaard enfatiza também que a existência é uma luta entre o desejo de ser autêntico e a pressão das convenções sociais. A contradição é uma parte intrínseca da experiência humana, e a capacidade de

navegar por essas contradições que é fundamentalmente importante para o desenvolvimento pessoal. Ele sugere que a verdadeira liberdade e autenticidade vêm da aceitação dessas tensões.

Entende-se sobre a questão de estágios da vida em Kierkegaard que assim descreve três estágios da vida: o estético, o ético e o religioso. Cada estágio representa uma forma diferente de lidar com a contradição e o paradoxo. O estético busca prazer e evita compromissos, o ético busca a responsabilidade e a moralidade, enquanto o religioso envolve um reconhecimento da absurdidade da existência e a aceitação da fé. A transição entre esses estágios é marcada por um confronto com as contradições da vida como analisa Kierkegaard.

Corroborar-se em relação à ressignificação da realidade, onde a fé não é um abandono da realidade, mas uma ressignificação dela. Para Kierkegaard, a verdadeira fé permite que o indivíduo assim veja o mundo de uma nova maneira, onde as limitações da finitude são superadas pela esperança e pela possibilidade de uma relação com o divino. Essa ressignificação é um ato de liberdade, onde o indivíduo não é mais escravizado pelas circunstâncias externas, mas encontra assim um verdadeiro significado e propósito em sua própria existência.

Depreende-se em relação ao livro *Em "Temor e Tremor"*, onde Kierkegaard aborda a questão do indivíduo em relação à cultura e à ética de uma maneira profunda e provocativa. A obra é famosa por sua análise da história de Abraão e Isaac, onde o filósofo explora a tensão entre a ética universal e a fé individual.

Corroborar-se através do pensamento de Kierkegaard onde argumenta que a cultura, embora forneça um contexto e um horizonte de compreensão, não pode substituir a experiência individual e a relação pessoal com o divino. Ele critica a ideia de que o progresso cultural ou o desenvolvimento das normas sociais poderia de alguma forma, facilitar a resolução das questões existenciais e individuais que cada pessoa enfrenta.

Percebe-se que a imagem que ele utiliza em *"Temor e Tremor"* é a de um "cavaleiro da fé", que representa assim consequentemente a capacidade de um indivíduo de agir de acordo com uma convicção pessoal, mesmo que isso contrarie as normas éticas ou culturais estabelecidas. Abraão, ao ser chamado por Deus para sacrificar seu filho Isaac, exemplifica essa luta constante interna. Ele se encontra em uma posição onde deve escolher entre a obediência a Deus e a moralidade convencional que o condenaria por tal ato.

Ressalta-se que a análise dessa passagem revela assim a profundidade do dilema existencial: a fé verdadeira que exige um salto, uma escolha que não pode ser mediada pela cultura ou pela razão. Kierkegaard enfatiza assim que a relação com o divino é única e intransferível, e que cada indivíduo deve enfrentar suas próprias questões de fé e moralidade sem a expectativa de que a cultura possa oferecer respostas satisfatórias.

Salienta-se assim, que a crítica de Kierkegaard à cultura se fundamenta na sua crença de que a verdadeira compreensão da vida e da fé não pode ser alcançada por meio de generalizações culturais ou éticas. Em vez disso, ele propõe que cada pessoa deve se engajar em uma busca pessoal e íntima, que muitas vezes envolve o enfrentamento do absurdo e da angústia que a fé pode trazer. Essa perspectiva de análise destaca a singularidade da experiência humana e a necessidade de um relacionamento direto e pessoal com o que é transcendente.

Observou-se também em relação a sua obra em *Temor e Tremor* que é uma das passagens mais desafiadoras da Bíblia, onde Deus pede a Abraão que sacrifique seu filho Isaac. Essa narrativa é frequentemente discutida em contextos filosóficos e teológicos, especialmente na obra de Søren Kierkegaard, que aborda a questão da fé de maneira profunda e sempre provocativa.

Destaca-se que Kierkegaard, em sua obra *"Temor e Tremor"*, analisa a história de Abraão e Isaac para explorar a natureza da fé e o conceito do "cavaleiro da fé" com já enfatizado anteriormente. Para ele, a fé verdadeira é uma relação pessoal e direta com Deus, que pode levar a decisões que parecem irracionais ou até mesmo moralmente questionáveis sob a luz da razão. Abraão é visto como o exemplo máximo dessa fé, pois ele obedece a Deus sem questionar, mesmo quando isso implica em sacrificar o que lhe é mais precioso o seu filho Isaac.

Depreende-se que a interpretação de Kierkegaard destaca a tensão entre a ética e a fé. Ele argumenta que a fé pode exigir que o indivíduo fosse além das normas éticas convencionais, criando assim um paradoxo que desafia a lógica e a moralidade. Essa ideia de uma fé que transcende a razão é central para a filosofia existencialista e para a compreensão da relação entre o homem e o divino.

Destaca-se a Subjetividade que é um conceito crucial na filosofia de Kierkegaard. Ele enfatiza que a verdade é subjetiva e que cada pessoa deve encontrar sua própria verdade. A experiência individual é fundamental, e a relação pessoal com Deus é o que dá sentido à vida. Esta ênfase na subjetividade também se reflete na sua crítica ao sistema filosófico que tenta universalizar a experiência humana.

Em relação entre fé, razão e ética na filosofia de Kierkegaard é complexa e multifacetada. Ele propõe que a fé transcende a razão e que a ética é uma questão de escolha pessoal e subjetiva. Através de seus escritos, Kierkegaard convida os indivíduos a explorar sua própria experiência existencial, a fazer escolhas conscientes e a abraçar a fé como um ato de liberdade. Sua visão continua a influenciar o pensamento filosófico e teológico contemporâneo, desafiando os pensadores a considerar a profundidade da experiência humana em suas reflexões sobre a vida, a ética e a espiritualidade.

Nesse sentido e como reflexão e análise sobre a figura de Abraão por Kierkegaard não apenas ilumina a natureza da fé, mas também convida à reflexão sobre a condição humana em sua totalidade. A tensão entre fé e razão, entre ética e divino, continua a ser uma questão central no pensamento filosófico contemporâneo. A obra de Kierkegaard, portanto, não é apenas uma análise teológica, mas uma meditação sobre a complexidade da experiência humana, a busca por significado e a luta com o desconhecido.

Sustenta-se e podemos ponderar em relação à pesquisa sobre a obra que, poderia enfatizar a relevância do dilema de Abraão na vida contemporânea, pois é um tema bastante peculiar convidando ao público a refletir sobre suas próprias experiências de fé e os desafios que enfrentam ao conciliar suas crenças com as exigências da razão e da ética. A ideia de que a fé pode exigir sacrifícios pessoais profundos é um ponto de partida para discussões mais amplas sobre moralidade e escolha pessoal em um mundo em constante mudança.

Corroborar-se através da dialética da fé: Soren Kierkegaard argumenta que a fé de Abraão é paradoxal. Ele é visto como um homem que, ao mesmo tempo, ama seu filho e está disposto a sacrificá-lo. Essa tensão é central para a compreensão do que significa ter fé. A fé não é uma crença cega, mas uma relação pessoal e íntima com Deus que desafia a lógica humana.

Depreende-se sobre a suspensão da ética: Kierkegaard aqui introduz a ideia de que, em alguns casos, a relação com o divino pode exigir uma "suspensão da ética". Abraão, ao obedecer a Deus, entra em um estado de "suspensão teleológica", onde a obediência a Deus se torna a prioridade suprema, mesmo que isso signifique agir de maneira que contraria normas morais.

Observa-se a solidão do indivíduo: Em destaque na obra produzida "Temor e Tremor", por Soren Kierkegaard enfatiza a solidão de Abraão. Ele é o único que pode entender sua relação com Deus e o chamado que recebeu. Essa solidão é uma característica essencial da experiência de fé, onde o indivíduo deve enfrentar dúvidas e incertezas sem a garantia de que sua escolha está correta aos olhos do mundo.

Observa-se que relação de Abraão com Deus no Monte Moriá, analisada à luz do pensamento de Kierkegaard, revela a complexidade da fé e da ética. O dilema de Abraão nos força a confrontar questões profundas sobre o que significa crer, amar e obedecer. Kierkegaard nos mostra que a verdadeira fé pode exigir sacrifícios que desafiam nossa compreensão moral e racional, e que essa jornada é, muitas vezes, solitária e repleta de incertezas. Abraão se torna, assim, um símbolo da luta espiritual e da profundidade da relação humana com o divino, um tema que continua a ressoar na filosofia e na teologia contemporâneas.

A relação de Abraão com Deus em relação ao holocausto de seu filho Isaac, na perspectiva do filósofo contemporâneo Soren Kierkegaard, é um tema bastante explorado em sua obra magnífica "Temor e Tremor".

Em sua obra, Kierkegaard também discute a angústia existencial e a luta interior de Abraão ao enfrentar a escolha entre a ética e a fé. Ele descreve isso como em sua obra "Temor e Tremor" de Abraão – a angústia de ter que tomar uma decisão que parece terrível e irracional para os outros, mas que é exigida por sua relação pessoal e direta com Deus e também provar seu amor eterno ao seu filho Isaac.

No entanto, é importante salientarmos que a história do sacrifício de Isaac ocorre no antigo testamento da Bíblia atribuído assim a Moisés, enquanto Kierkegaard escreveu "Temor e Tremor" como uma reflexão filosófica sobre a história de Abraão em relação à fé e à ética religiosa.

Nessa perspectiva do filósofo contemporâneo Soren Kierkegaard, a relação de Abraão com Deus no episódio do holocausto de Isaac exemplifica exatamente a natureza paradoxal da fé, que requer um comprometimento absoluto e irracional com o divino. É um exemplo extremo de como a obediência a Deus pode exigir sacrifícios pessoais e desafiar as normas e valores da moralidade humana. É o que veremos no decorrer da apresentação desse artigo.

Soren Kierkegaard em sua obra analisa exatamente essa história bíblica como um exemplo extremo da relação entre o indivíduo humano e o divino. Abraão é apresentado como o “pai da fé”, alguém que está disposto a sacrificar seu próprio filho em obediência constante a Deus. Essa obediência é vista por Soren Kierkegaard como um ato de Amor absoluto, uma renúncia total da vontade individual em deferência à vontade divina.

Como é salientado pelo próprio Kierkegaard, a fé de Abraão transcende a lógica humana e se baseia em uma confiança inabalável em Deus. Abraão está disposto a sacrificar Isaac, seu filho prometido e a esperança de sua linhagem, porque acredita assim que Deus é capaz de ressuscitá-lo dos mortos e cumprir assim suas promessas.

Soren Kierkegaard usa conseqüentemente essa história para explorar a natureza paradoxal da fé, que envolve como podemos observar em sua obra uma tensão constante entre o finito e o infinito, o humano e o conseqüentemente o divino. Ele sempre argumenta em sua obra que a fé verdadeira não é racional, mas sim irracional, um salto para além do entendimento humano, salienta.

A medida que a fé tem parte de seu movimento no abandono da finitude em direção ao infinito, ela possui uma relação importante com a angústia e com a possibilidade, e, quando a união desses elementos é bem estabelecida a angústia é formadora do indivíduo. Este argumento foi elaborado no quinto capítulo de O conceito de angústia: “Angústia como o que salva por meio da fé”. Nesse texto o autor afirma que “a angústia é a possibilidade de liberdade, só está angústia, é pela fé, absolutamente formadora; à medida que consome todas as coisas finitas, descobre todas as ilusões”. E, adiante “Aquele que é formado pela angústia é formado pela possibilidade e só quem é formado pela possibilidade, está formado de acordo com a sua infinitude. A possibilidade é, por conseguinte, a mais pesada das categorias”. (ROOS, 2022, p.78)

Nessa perspectiva de pensamento, Kierkegaard vê a relação de Abraão com Deus como um exemplo de como a fé pode ser uma experiência intensa, angustiante e depressiva, ou seja, uma aflição constante. Abraão está diante de um dilema tanto moral e emocional, confrontado com a difícil escolha entre sua responsabilidade paterna e sua própria devoção a Deus. Ele experimenta o “temor e tremor” que acompanha a fé real, pois acredita que deve sacrificar seu próprio filho por amor temente sempre onisciente a Deus.

Em sua análise descreve Abraão como um exemplo de fé heroica e devoção absoluta a Deus todo poderoso em sua infinita bondade. Elogia a capacidade de Abraão de enfrentar o dilema moral do sacrifício de Isaac com um senso de compromisso inabalável, mesmo diante das expectativas éticas de nossa sociedade contemporânea.

Kierkegaard vê a fé de Abraão como um ato de coragem e confiança radical em Deus. Ele elogia a disposição de Abraão em suspender todas as normas éticas e morais convencionais em nome de sua relação com o divino. Em seu pensamento o verdadeiro herói da história não é apenas aquele que age corretamente de acordo com as convenções sociais, mas aquele que transcende essas convenções em nome de uma fé sempre superior.

Em seguida ele destaca também o dilema angustiante enfrentado por Abraão ao receber a ordem divina de sacrificar seu filho Isaac. Ele vê o “temor e tremor” de Abraão como um estado de tensão intensa entre a obediência divina e a voz da consciência ética. Kierkegaard elogia a capacidade de Abraão de enfrentar esse dilema sem hesitação, mostrando conseqüentemente sua lealdade inabalável a Deus.

Kierkegaard usa os elogios a Abraão em “Temor e Tremor” para desafiar as concepções tradicionais de ética e moralidade. Ele argumenta que, às vezes, a verdadeira fé exige a suspensão de todos os princípios éticos e morais convencionais, e que Abraão é um exemplo supremo dessa coragem ética-religiosa.

No entanto, é importante salientarmos e destacarmos que Kierkegaard não está defendendo uma postura absolutista em relação à fé e à ética. Ele reconhece que essa suspensão ética é uma exceção e não deve ser aplicada indiscriminadamente em todas as situações. Em uma última análise, Soren Kierkegaard

usa os elogios a Abraão para abrir um espaço para a reflexão sobre a complexa interação entre ética e fé e para desafiar as concepções tradicionais de moralidade em nossa sociedade contemporânea.

Essa relação da religiosidade e ética ressaltada por Soren Kierkegaard no contexto histórico do sacrifício de Isaac no Monte Moriá é um tema que merece ser destacado, pois é um tema central na filosofia de Soren Kierkegaard. Em sua visão Kierkegaard discute assim a relação entre ética e religiosidade de maneira profunda e complexa. Ele considera o sacrifício de Isaac como um exemplo extremo de devoção absoluta a Deus, um ato que desafia os princípios éticos estabelecidos pela nossa sociedade contemporânea. A ética, para Soren Kierkegaard, é baseada em normas universais e racionais, enquanto a fé religiosa transcende essas normas e está além da compreensão humana.

O filósofo Soren Kierkegaard argumenta que a fé autêntica exige conseqüentemente uma suspensão absoluta da ética, onde o indivíduo deve estar disposto a sacrificar tudo, inclusive os valores éticos, para obedecer a Deus. É nesse momento de suspensão ética que a fé alcança sua verdadeira expressão, pois é quando o indivíduo se entrega completamente à vontade divina, mesmo que isso vá contra o senso comum e os princípios morais convencionais.

Kierkegaard vê Abraão como um exemplo do indivíduo ético que se torna o “cavaleiro da fé”, aquele que é capaz de ir além da lógica e da razão para confiar inteiramente em Deus. Abraão assim não questiona a ordem divina, mas, ao contrário, submete-se totalmente e está disposto a sacrificar seu próprio filho em nome de sua fé.

Em suas análises podemos salientar a relação ética e religiosa não se anulam mutuamente, mas sim existem em constante tensionamento. Embora podemos dizer que a ética seja essencial para a nossa vida social e conseqüentemente a harmonia entre os indivíduos, a fé religiosa exige uma dimensão além dos limites da ética convencional. O filósofo argumenta que a verdadeira religião não pode ser orientada apenas pela ética, pois a fé transcende as normas humanas e exige assim uma entrega total e absoluta a Deus supremo e todo poderoso.

Soren Kierkegaard vê assim o sacrifício de Isaac como um exemplo paradoxal e desafiador da relação entre ética e religião. Ele questiona a natureza do dever ético diante da chamada divina e defende a necessidade de se suspender a ética em nome de uma fé autêntica e incondicional. A história de Abraão e Isaac serve como um ponto de partida para uma discussão mais ampla sobre a complexa interação entre ética e fé na filosofia de Soren Kierkegaard.

Soren Kierkegaard retrata Abraão como um ser humano isolado, tendo que enfrentar a decisão de sacrificar seu filho sem compartilhar seus pensamentos e dúvidas existenciais com os outros indivíduos. Essa solidão conforme é apresentada em sua obra “Temor e Tremor” é relatado como sendo um elemento essencial no ato de obediência absoluta a Deus.

Soren Kierkegaard explora conseqüentemente em seguida o conceito de “teleológico ético”, que é a ideia de que um ato moralmente correto pode levar a conseqüências ruins, e inversamente, um ato moralmente errado que pode conseqüentemente levar assim a ações positivas. Nessa perspectiva o caso, a obediência de Abraão a Deus, que parece imoral e cruel, é considerada ética, pois é motivada por uma obediência absoluta á vontade divina.

A obra também apresenta o conceito de “salto de fé” de Soren Kierkegaard, que é a ideia de que a fé religiosa é uma crença irracional baseada apenas na vontade de acreditar. Abraão é retratado conseqüentemente como um exemplo deste salto de fé, uma vez que ele acredita na palavra de Deus, mesmo que suas ações que pareçam moralmente questionáveis para os outros.

Nessa perspectiva de pensamento vimos que “Temor e Tremor” é uma obra complexa e que vale salientar que nos desafia constantemente as noções que são convencionais no campo da ética e religião. Kierkegaard assim explora a ideia de que a fé religiosa pode levar as pessoas a tomar ações radicalmente diferentes daquelas que seriam consideradas éticas pela sociedade. A obra em si provoca intensas reflexões sobre a natureza da obediência, da fé e dos conflitos morais como são relatados em sua obra.

Em seguida podemos salientar e mencionarmos em outro momento no capítulo A cicatrize de Ulisses, do livro Mimesis, onde o autor Auerbach retrata muito bem em sua narração e tradução belíssima realizada em sua autoria onde ele traduz a história do Holocausto de Abraão em relação ao sacrifício de seu filho Isaac no monte Moriá:

Em sua tradução nos conta que há muito tempo, em uma terra distante, viveu um homem chamado Abraão. Ele era conhecido como um homem de grande fé e devoção a Deus. Abraão tinha um filho chamado Isaac, que era seu maior tesouro e o amava bastante e a fez sua promessa de Deus para ele. Abraão reza

de dia e de noite sem cessar tamanha sua devoção a Deus e ao seu filho Isaac sabendo o que iria ofertar seu filho em sacrifício.

Na sua narrativa, Auerbach conta que em um certo dia, Deus decidiu testar a fé de Abraão e pediu-lhe para sacrificar seu filho Isaac no Monte Moriá como um holocausto. Este foi um pedido chocante, tenebroso e doloroso, Abraão sofreu bastante um sentimento de angústia inabalável e seu igual tamanho seu amor para com Isaac, uma prova extraordinária de fidelidade e obediência ao seu amor supremo ao Deus maior e em sua infinita bondade.

Podemos deduzir em sua tradução que Abraão, apesar de seu amor imenso por seu filho Isaac, não hesitou em obedecer a Deus. Ele preparou tudo para o sacrifício e partiu com Isaac em direção ao monte Moriá para apresentação do menino. Durante a subida, Isaac, inocentemente, perguntou a seu pai sobre o cordeiro que seria sacrificado em holocausto. Abraão assim o respondeu com confiança que Deus providenciaria o cordeiro.

Posteriormente em seu relato Auerbach menciona que quando chegaram ao topo do monte, Abraão amarrou seu filho em um altar, preparando-se para realização do sacrifício. Nesse instante e momento crítico, um anjo de Deus apareceu e impediu Abraão de matar Isaac. Mostra aqui bem claramente como Deus teve misericórdia e que Deus havia testado a fé de Abraão e estava bastante satisfeito com sua obediência sem igual e inabalável. Abraão aqui demonstrou ser o verdadeiro homem de fé e de palavra ele fez e cumpriu sua palavra e Deus teve misericórdia e o perdoou e poupou a vida de Isaac.

Assim percebido todo esse fato Deus então providenciou um cordeiro para substituir Isaac no holocausto. Abraão assim o fez sacrificou o cordeiro como uma oferta a Deus e o evento ficou conhecido como o Holocausto de Abraão. Foi assim um momento de profunda compreensão e submissão à vontade de Deus todo poderoso.

Percorre-se um caminho, pois Deus indicara o local onde se consumaria o sacrifício; mas nada é dito acerca do caminho, afora que ele durara três dias, e mesmo isto é dito de forma enigmática: Abraão e sua comitiva partiram “de manhã cedo” e se dirigiram ao lugar no qual Deus lhes tinha falado; ao terceiro dia ele elevou os olhos e viu o lugar de longe. O levantar dos olhos é o único gesto, é propriamente a única coisa que nos é dita acerca da viagem, e ainda que ele se justifique pelo fato de o local se encontrar num lugar elevado, ele aprofunda, pela sua própria singeleza, a impressão de vazio da caminhada; é como se, durante a viagem, Abraão não tivesse reprimido todas as suas manifestações vitais, assim como as dos seus companheiros, exceto o andar dos seus pés. Desta forma, a viagem é como um silencioso andar através do indeterminado e do provisório, uma contenção do fôlego, um acontecimento que não tem presente e que está alojado entre o que passou e o que vai acontecer, como uma duração não preenchida, que é, todavia, medida: três dias! Tais três dias reclamam a interpretação simbólica, que mais tarde obtiveram. Começaram “de manhã cedo”. Mas a que hora do terceiro dia levantou Abraão os olhos e viu a sua meta? Nada consta do texto acerca disto. Evidentemente não “tarde na noite”, pois ficou-lhe, como parece, tempo suficiente para subir a montanha e preparar o sacrifício. Portanto, “de manhã cedo” não está empregado em função de uma demarcação temporal, mas em função de um significado moral; deve exprimir o imediato, o pontual e o exato da obediência do mal-afortunado Abraão. Amarga é para ele a manhã em que sela o seu jumento, e chama os seus servos e o seu filho Isaac e parte; mas ele obedece, ele caminha até o terceiro dia, quando levanta os olhos e vê o lugar. De onde vêm, não o sabemos, mas a meta é indicada claramente: Jeruel, na terra de Moriá. Não foi estabelecido que lugar é este, pois é possível que “Moriá” tenha sido introduzido posteriormente como correção a uma outra palavra – mas, em todo caso, o local estava indicado; tratava-se, sem dúvida, de um

lugar de culto, no qual deveria ser conferida uma especial consagração, em conexão com a oferenda de Abraão. (Auerbach Erich, 1971 p.7)

Em sua narrativa e tradução Auerbach reflete muito bem sobre essa história e compreende o Holocausto de Abraão como um verdadeiro símbolo de fé suprema e confiança em Deus, mesmo diante das dificuldades que foram impostas e apresentadas também as provações inigualáveis e extremas. Ele vê a coragem e a obediência de Abraão como um exemplo a ser seguido por todos que realmente tenham fé em Deus, lembrando conseqüentemente da importância de permanecermos fiéis aos nossos princípios e à vontade divina, mesmo quando nos depararmos com desafios que sempre são constantes e muitas vezes angustiantes. Vale salientarmos o sofrimento e angústia que realmente Abraão sofreu no momento pois amava muito Isaac por isso passou momentos de tristeza, depressão e insônia pelo fato ocorrido como salientado pelo monge beneditino Eloísta em sua narrativa.

Na narrativa de Auerbach, o Holocausto de Abraão é um lembrete poderoso de que a verdadeira devoção a Deus requer sacrifício e entrega por completo. É como um teste para ver tamanha a sua fé que Abraão realmente demonstrou em ter em relação ao Deus de infinita bondade. Ele acredita que, assim como em Abraão encontrou sua fé fortalecida após o teste no Monte Moriá, também podemos encontrar força e compreensão em nossa própria jornada espiritual, superando assim nossos medos, angústias, depressão, dúvidas, temor e tremores para assim conseqüentemente alcançarmos uma conexão mais enraizada e profunda com o divino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Salienta-se que a história do sacrifício de Abraão em holocausto ao seu filho Isaac levanta questões profundas de reflexões e nos remete para uma futura pesquisa mais analítica sobre a fé obediência e ética, e esses temas são recorrentes na obra do filósofo contemporâneo Soren Kierkegaard, como podemos observar nessa pesquisa.

Soren Kierkegaard abordou assim a ideia de fé inicialmente em suas obras produzidas, argumentando que a verdadeira fé implica em assumir riscos e fazer escolhas difíceis como analisado. O sacrifício de Abraão ao seu filho Isaac é um grande exemplo extremo disso para nossa humanidade, pois ele estava disposto a sacrificar seu próprio filho Isaac por obediência a Deus. Essa ação conseqüentemente desafia as noções convencionais de ética e moralidade, e Soren Kierkegaard certamente teria se interessado em explorar as implicações éticas desse evento analisado.

Insta salientarmos, além disso, Soren Kierkegaard discutiu a importância da individualidade e da responsabilidade pessoal em suas obras filosóficas. Abraão teve que lidar com uma escolha única e pessoal, que desafiou suas próprias crenças e valores. Abraão como um ser humano foi ao extremo para provar a sua fidelidade ao Deus uno, infinito, onipotente e todo poderoso. Esse tipo de dilema existencial é central na obra de Soren Kierkegaard, como podemos observar, que Kierkegaard valorizava a importância de cada indivíduo que enfrentava suas próprias decisões existenciais. Como podemos observar em suas produções filosóficas em referência a Abraão ao seu filho Isaac.

Em suma, insta destacarmos que o sacrifício de Abraão em holocausto ao seu filho Isaac é um tema que ressoa com as ideias de fé, ética e responsabilidade individual presentes na obra filosófica de Soren Kierkegaard. Ele provavelmente teria encontrado na história de Abraão e Isaac um exemplo poderoso de como as escolhas individuais podem desafiar as normas morais convencionais e testar a profundidade da fé. Esse trabalho é apenas um início de pesquisa que se inicia. Certamente coexistem várias lacunas a serem desvendadas que não se encontram em referências bibliográficas que certamente serão pesquisadas em um futuro próximo.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BÍBLIA Sagrada – **Nova Edição Papal** – Traduzida das línguas originais com uso crítico de todas as fontes antigas pelos Missionários Capuchinhos de Lisboa – Frei Rafael de Serafão, 1972.

KIERKEGAARD, Soren, SOUZA, Elisabete M. de Sousa (Org). **Temor e Tremor**. Lisboa: Relógio D'água, 2009.

ROOS, Jonas. **10 Lições sobre Kierkegaard**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.